

## FICHA DE HISTÓRIA – 11º ANO

## ARRANQUE INDUSTRIAL PORTUGUÊS

**As tentativas ...**

*Se encararmos esse estirado período de três séculos que se arrasta até aos nossos próprios dias, poderemos divisar, no respeitante às tentativas de arranque industrial, qualquer coisa como um movimento basculante, oscilando entre as conjunturas favoráveis à actividade comercial, directa ou indirectamente ligadas aos circuitos coloniais, e aqueles que, de cariz depressionário, condicionaram, ou parecem condicionar, a descida do prato da balança para esforços de produção industrial de bens. Essa alternância entre prosperidade comercial - estagnação ou decadência industrial ou decadência industrial e crise comercial - fomento da indústria, foi detectada, empiricamente, por historiadores portugueses contemporâneos, na lenta desenvolvimento do nosso Antigo Regime.*

**Periodização dos surtos industriais segundo Vitorino Magalhães Godinho:****Primeira tentativa de arranque (1670-75 a 1690)**

*Doutrinada por Duarte Ribeiro de Macedo, posta em prática pelo terceiro conde da Ericeira, essa tentativa buscou concretizar-se no estímulo ao fabrico de lanifícios, protegidos pela publicação de pragmáticas, que proibiam o uso de tecidos estrangeiros. Ora, este período coincidiu com a queda do preço do açúcar, tabaco e outros produtos coloniais, índice de uma conjuntura desfavorável aos tradicionais circuitos ultramarinos. O próprio mercado metropolitano mostra-se sensível à depressão: o preço do azeite baixa. Quando, em 1690, os preços sobem, restaurando a «prosperidade» anterior, «abandona-se a política manufactureira e deixa-se de abrir estabelecimentos industriais».*

*Além do mais, o ouro brasileiro ajudará a explicar a estranha docilidade com que o «colbertismo» português se deu por vencido. Segundo Fisher, nos sessenta anos seguintes, «as exportações inglesas para Portugal desenvolveram-se de maneira extraordinária e o “comércio português” tornou-se um dos principais ramos do comércio externo inglês».*

1) Os sucessos económicos do Brasil foram, uma vez mais, condições fundamentais no conjunto da economia portuguesa;

2) A Inglaterra, com mercantilística finura, aproveitou o ensejo para drenar para as suas mãos o ouro que até parecia sobrar-nos.

**Segunda tentativa de arranque (1769-1770 a 1778)**

*É o período pombalino de fomento industrial, dirigido pela Junta do Comércio, o qual se segue, cronologicamente, a uma severa crise comercial, entretanto deflagrada: diminuição das remessas de ouro brasileiro, a companhia do Grão-Pará e Maranhão encontra-se em dificuldades (1770), decrescem os lucros comerciais na praça de Lisboa, o que tudo se traduz numa depressão que afecta, conjuntamente, a rede atlântica e a produção colonial, o mercado metropolitano e o próprio poderio financeiro do Estado.*

*Arranque industrial, instalação de mais de 71 estabelecimentos manufactureiros. As indústrias da seda e algodão desenvolvem-se de forma particularmente favorável. A conjuntura de 1785-1807, favorável ao desenvolvimento comercial dos produtos ultramarinos, joga a favor de Portugal. É que a revolta das colónias britânicas na América do Norte, a Revolução Francesa e as guerras consequentes, que entre si opuseram os nossos principais parceiros-competidores, deixa o pulso livre a Portugal. Os resultados não se fizeram esperar: não só o comércio com a Ásia aumenta muito de volume, mas também os produtos agrícolas brasileiros (o café, o cacau, o algodão e o arroz), tornam Lisboa e Porto, de novo, em importantíssimas plataformas comerciais, e a tal ponto que, pelos fins do século XVIII, «a balança comercial portuguesa tornar-se já favorável». Este «quase milagre» é em grande parte devido ao surto manufactureiro, a partir de 1769-1770.*

*José Acúrsio das Neves: «Perdido o mercado exclusivo das produções da nossa indústria, que era principalmente o Brasil», devido à abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional (1808) e ao tratado luso-brasileiro de 1810, que sorte poderia esperar a indústria portuguesa de então, senão a ruína?*

**Terceira tentativa de arranque (1812-1826)**

*Os números do comércio externo - com o estrangeiro e as colónias - até 1807, compreendido este ano, não anunciava de maneira nenhuma tempos difíceis. Subitamente, 1808: é a catástrofe. (...)*

### **III - Travões estruturais do desenvolvimento industrial português**

*Ora, no que a Portugal concerne, importa que se enuncie, desde já que:*

- 1. Do século XVII até, pelo menos, à vitória dos liberais na guerra civil (1832-1834), a lusitana sociedade é, fundamentalmente, dominada pela aristocracia;*
- 2. Entretanto, os valores culturais e as atitudes mentais dominantes são de natureza aristocrático-clerical;*
- 3. O burguês, mal consentido, vigiado, peado, no «antigo-regime», só no decurso da segunda metade do século XIX logra ir impondo o seu status.*

Joel Serrão, Gabriela Martins,  
*Da Indústria Portuguesa. Do Antigo Regime ao Capitalismo. Antologia.* Lisboa, Livros Horizonte (col. Horizonte  
Universitário, nº 9), 1978.

#### **Construção da história:**

1. Como caracteriza o autor as tentativas de arranque industrial em Portugal? Porquê?
2. “Além do mais, o ouro brasileiro ajudará a explicar a estranha docilidade com que o «colbertismo» português se deu por vencido.” O que se querará significar com esta passagem do texto?
3. Por que é a conjuntura favorável à segunda tentativa de arranque industrial?
4. “Os números do comércio externo - com o estrangeiro e as colónias - até 1807, compreendido este ano, não anunciava de maneira nenhuma tempos difíceis. Subitamente, 1808: é a catástrofe.” Explica esta afirmação.
5. Quando se dá a mudança radical na sociedade portuguesa que possibilita a instalação de uma sociedade moderna? O que muda?

#### **O arranque ...**

*Situada numa órbita periférica no contexto da economia internacional e envolvida numa relação de subordinação face à Inglaterra, a economia portuguesa conservou uma matriz tradicional, assente numa agricultura arcaica, até ao século XIX, não obstante as políticas de fomento industrial do Conde da Ericeira (século XVII) e do Marquês de Pombal (século XVIII), verdadeiros referenciais para o século XIX.*

*É, pois, o século XIX que cristaliza a temática da modernização e da industrialização portuguesas, da descontinuidade do seu crescimento, bem traduzida no conceito de "surto industrializador". Esta descontinuidade que se manifesta no espaço e, principalmente, no tempo, resulta de uma articulação específica e assimétrica entre os ritmos de crescimento agrícola, comercial e industrial e os efeitos conjunturais do princípio do período oitocentista, que se ligam à instabilidade política das lutas liberais e à perda de mercados ultramarinos (o Brasil tornara-se independente e as colónias de África não se encontravam ainda integradas no espaço económico nacional).*

*Mesmo assim, do ponto de vista qualitativo, é possível encontrar, desde o arranque industrial de 1812-1826, elementos que apontam para uma transformação do tecido socio-económico e tecnológico do sector industrial português, traduzida num aumento de estabelecimentos industriais e nas primeiras tentativas de emprego da máquina a vapor<sup>3</sup> e apoiada no trabalho de ideólogos pró-industrialistas como José Acúrcio das Neves e Oliveira Marreca.*

*Será, contudo, a partir de 1835 que se esboçam as condições para a implantação da indústria moderna em Portugal, definida, basicamente, por uma alteração na natureza das condições materiais de produção, introduzida a partir da nova dimensão das células produtivas (as fábricas, apesar do peso da pequena indústria no nosso país), das novas formas de maquinismo e da utilização de fontes energéticas não musculares (a energia a vapor). São significativos neste percurso de mudança estrutural da indústria, a difusão do emprego da máquina a vapor, apesar da sua potência ser, em regra, bastante reduzida, e o aumento do número de estabelecimentos fabris e de operários por fábrica. Estes elementos reveladores de uma atitude de modernização operam-se em dois sectores fundamentais da indústria: nos têxteis (que são,*

*sem dúvida, o sector fundamental) e na metalurgia, sendo nesta última particularmente importante a área dos bens de consumo.*

*O arranque iniciado cerca de 1835 configura uma fase de desenvolvimento industrial que se prolonga até 1850, nos primórdios do fontismo.*

*A partir de 1850 inicia-se o período do fontismo, que marca uma modificação sensível na orientação económica portuguesa, favorecendo a esfera da circulação, através do desenvolvimento das vias de comunicação e, nomeadamente, do caminho-de-ferro. O caminho-de-ferro assume um papel determinante na estruturação das zonas económicas do país, bem como dos seus ritmos desiguais de crescimento, introduzindo Portugal na teia de relações económicas modernas. Assim, e apesar das suas características socio-económicas específicas, a Regeneração lançou as bases da estrutura capitalista moderna no nosso país, actuando, não só no eixo económico e financeiro, mas também na definição de um novo quadro jurídico, populacional, cultural e técnico.*

*A crise mundial de meados dos anos 60 atravessa a economia portuguesa sob as formas de uma diminuição do produto nacional per capita e das relações comerciais com o exterior e de uma conseqüente desaceleração da produção industrial. Será a partir de 1870 que se desenha uma reanimação na economia nacional, que se traduz, na área da indústria, no "salto industrial dos anos 70", que se prolongará, ainda que com uma certa irregularidade de ritmos de crescimento, até ao início da I Guerra Mundial. É possível delimitar, no interior deste período, alguns momentos de crescimento mais acentuado: 1872-1875, 1881-(1883), 1886-1890, 1897-1907 e 1910-1913. (...)*

*O Inquérito Industrial de 1881 espelha em termos globais, e apesar das acentuadas diferenças qualitativas entre os pólos industriais de Lisboa e Porto e das assimetrias regionais, um efectivo desenvolvimento da indústria moderna em Portugal, que se traduz pelo aumento dos estabelecimentos fabris com mais de 10 pessoas e do número de operários envolvidos nos vários sectores e por um incremento no nível tecnológico.(...)*

*O clima de recessão da crise de 1890-92 afecta de forma diferenciada os vários sectores da economia, manifestando-se de forma muito mais clara no sector da agricultura ligado à exportação do que nas actividades industriais; ao contrário, mesmo, o período que sucede aos anos da crise é caracterizado por um novo salto industrial, assente numa reorientação dos investimentos do sector exportador em crise para o sector industrial, cuja elasticidade permite uma maior rentabilização (veja-se a atitude proteccionista da Pauta de 1892). Assim se compreende que entre 1891 e 1898, o valor da produção industrial tenha aumentado significativamente, bem como o valor da importação de maquinaria.*

Maria Paula Diogo, *Indústria e engenheiros no Portugal de fins do século XIX: o caso de uma relação difícil*, Secção de História e Filosofia da Ciência /SACSA

Faculdade de Ciências e Tecnologia/Universidade Nova de Lisboa.

### **Construção da história:**

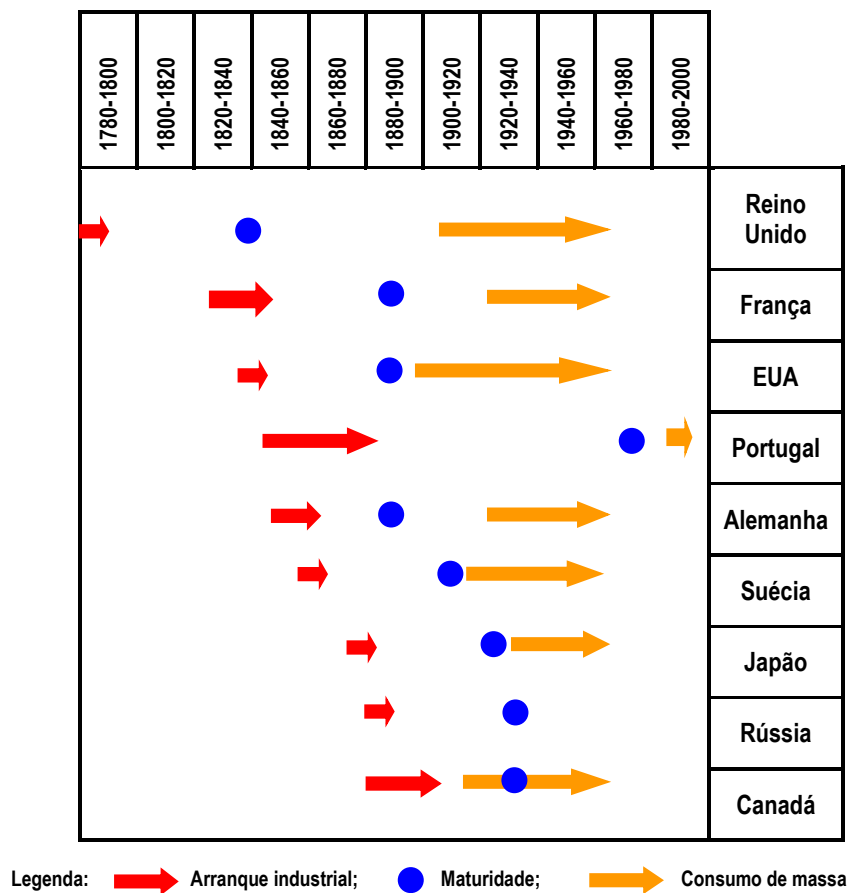
1. Por que se conserva uma matriz tradicional na economia portuguesa até ao século XIX?
2. “É, pois, o século XIX que cristaliza a temática da modernização e da industrialização portuguesas, da descontinuidade do seu crescimento, bem traduzida no conceito de "surto industrializador". Esta descontinuidade (...) manifesta [se] no espaço e, principalmente, no tempo.” Explica esta passagem do texto.
3. Quando estão reunidas as condições para o “verdadeiro” arranque industrial português acontecer? Que condições são essas?
4. Sucintamente, diz o que traz de novo o período do fontismo.
5. Que conseqüências práticas teve o "salto industrial dos anos 70"?
6. Quais as conseqüências da crise de 1890-92?

### A maturidade

Portugal mantém padrão idêntico [relativamente aos outros países desenvolvidos], em termos de produção e de consumo de recursos minerais. De facto, o sector dos minerais e rochas industriais é claramente superior aos dos recursos energéticos e aos metálicos. Segundo o índice de maturidade industrial estabelecido por Bristow, em 1987, Portugal é um país desenvolvido tendo atingido este nível no início da década de 70, mais cedo que a Espanha. (...)

Gomes. e Romariz, adaptado da publicação *Minerais Industriais – Geologia, Propriedades, Tratamentos, Aplicações, Especificações, Produções e Mercados*, Gráfica de Coimbra LDA, 1998.

### A comparação



### Construção da história:

1. Concordas com os autores que defendem que Portugal nunca teve um arranque industrial? Justifica.
2. Quando é que Portugal atingiu a maturidade industrial?
3. Por que terá sido o processo de industrialização português tão lento?

**Bom trabalho!**